

## ENTRE O DIGITAL E O IMPRESSO: A EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO KINDLE

Márcio Matiassi CANTARIN<sup>1</sup>  
Amanda Arruda VENCI<sup>2</sup>

**Resumo:** Com o constante desenvolvimento de dispositivos eletrônicos, surgiram diversos aparelhos que possibilitam a leitura em suportes não convencionais, e muito vem discutindo a respeito dessa experiência em contraposição à da leitura em material impresso. A variedade de dispositivos é enorme e, por esse motivo, cabe restringir mais a questão: recentemente houve o desenvolvimento de *e-readers*, sendo que no Brasil é possível encontrar três marcas diferentes, dentre elas o Kindle. Digital, com tela sensível ao toque, apresenta diversas funcionalidades que o livro impresso não possui. Apesar disso, defenderemos que a experiência literária no aparelho se aproxima muito mais à que fazemos no papel do que em outros aparelhos digitais. Portanto, expomos neste artigo as características do Kindle que o colocam entre o digital e o impresso, utilizando de Corrêa (2004, 2016), Hayles (2009), Kirchof (2016), Santa (2011) e Santaella (2012) como suporte para a discussão acerca da leitura literária em meio digital.

**Palavras-chave:** Kindle. Livro digital. Literatura Digital.

## BETWEEN DIGITAL AND PRINT: THE READING EXPERIENCE ON KINDLE

**Abstract:** With the intense development of electronic devices, many gadgets which allow reading have arisen, and a lot is discussed about this experience in comparison to that of reading in printed material. The variety of devices is immense and, for that reason, it is necessary to restrict the subject: More recently, e-readers have been developed, and in Brazil there are three different brands, among them the Kindle. Digital, with a touch screen, it has several features that the printed book does not. Nevertheless, we defend the literary experiences on the device is much closer to what we do on paper than in other digital gadgets. Therefore, I expose in this article the features of Kindle that place it between the digital and the print, using Corrêa (2004, 2016), Hayles (2009), Kirchof (2016), Santa (2011) and Santaella (2012) as support for the discussion of digital literature and literature in the digital media.

**Key words:** Kindle. Digital book. Digital Literature.

### Introdução

O acesso da humanidade à cultura escrita sempre esteve subordinado ao seu suporte físico, tendo passado por diversos estágios ao longo da história até chegar ao formato do livro como o conhecemos hoje – o chamado *códex*. A criação da prensa de tipos móveis, de Gutenberg, constituiu talvez a maior revolução nessa linha evolutiva, pois permitiu a reprodução técnica da escrita em velocidade e escala

---

<sup>1</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGEL/UTFPR/Curitiba).

<sup>2</sup> Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGEL/UTFPR/Curitiba).

sem precedentes. Com isso, manuscritos passaram a ser substituídos por impressos, que custavam menos e proporcionavam acesso de outras camadas sociais a cultura escrita. Bem mais recentemente, o computador, outra invenção revolucionária, também contribuiu muito com a produção, edição e publicação de documentos escritos. Conjugado à internet, tornou possível a disponibilização de qualquer arquivo, a qualquer pessoa que também possua uma conexão, em poucos segundos, um avanço exponencial, também sem precedentes.

Nos últimos anos, um intenso desenvolvimento de dispositivos eletrônicos fez surgir *notebooks*, *tablets*, *smartphones*, entre outros – os chamados *gadgets* –, movidos à bateria, que possibilitam o acesso aos mais variados tipos de conteúdo. Além do acesso à internet, oferecem uma miscelânea de funcionalidades que envolvem imagens, sons, vídeos e textos. Assim, é possível ouvir música, assistir vídeos e ler livros, por exemplo, em um mesmo aparelho. No que se refere à leitura em tela, muito se tem discutido a respeito dessa experiência em contraposição à da leitura em material impresso, e é pelo viés de tais discussões que pretendemos contribuir com algumas reflexões e impressões.

É quase consenso que diferentes suportes facultam diferentes experiências de leitura, e diversas são as críticas aos dispositivos digitais. Uma delas, exposta por Macêdo, se apegua a dispersão do leitor, que pode resultar da impressão de fragmentação do texto quando lido em um suporte digital:

No mundo da tela, temos a percepção fragmentada do texto, principalmente no caso dos editores de texto. A noção espacial do texto é de fragmentos que ora estão “lá na parte de cima”, ora “em um pedaço lá do meio do texto”. No caso do impresso, a percepção que temos é de uma unidade indivisível, a noção do livro como um todo, como algo fechado, único, completo. (MACÊDO, 2013, p. 42).

Além disso, entre as críticas também se discute a respeito do cansaço ou irritação que a tela ocasiona aos olhos; a falta de praticidade/comodidade ao utilizar os aparelhos para ler, seja pelo seu tamanho, peso, tamanho da fonte, etc.; a falta de concentração quase inerente a eles, visto possuírem múltiplas funcionalidades que servem de distração; a duração de poucas horas da bateria; entre outros. Apesar dessas desvantagens, a tecnologia digital também oferece novas possibilidades, como a criação de textos que, fora da tela, seriam impossíveis. De acordo com Kirchof (2016, p. 208), “com inúmeros programas existentes, é possível criar textos híbridos e dinâmicos que mesclam recursos de hipertexto, multimídia, hipermídia, interatividade, agregando som, letras, imagens, movimento e possibilidade de ler utilizando múltiplas plataformas”.

Percebe-se que a discussão tela *versus* impresso engloba muitos aspectos, todos em geral motivados pelas diferentes características inerentes a cada suporte. Parece-nos que realizar a

comparação de um material impresso, como um livro, com outro disponibilizado em uma tela, com suas múltiplas possibilidades, apresenta um tanto de ingenuidade e pode-se resultar infrutífero. Como afirmamos anteriormente, cada suporte proporciona uma experiência diferente, e o fato de encontrar-se em meio digital, por si só, não indica quais são as vantagens e desvantagens de cada um. A variedade de aparelhos digitais que permitem a leitura é enorme e, por esse motivo, restringiremos, para efeito desta análise, o nosso objeto, tomando um dispositivo que tenta simular uma experiência muito próxima da que se tem com o *códex*. Em um passado recente surgiram dispositivos com finalidades específicas de leitura, conhecidos como *e-readers*. No Brasil, é possível encontrar três marcas diferentes: o Kindle, vendido pela Amazon; o Kobo, pela livraria Cultura; e o Lev, pela Saraiva. Para explorarmos a questão da experiência da leitura em meio impresso *versus* em meio digital, trataremos do Kindle, por ser o *e-reader* mais popular entre os leitores brasileiros.

### **Kindle: a experiência do impresso em meio digital**

Lançado pela primeira vez nos Estados Unidos em novembro de 2007, o Kindle é um leitor de livros digitais desenvolvido pela empresa americana Amazon. O dispositivo permite a busca, compra, armazenamento e leitura de livros em formato digital. Nove anos após seu lançamento, encontra-se disponível, no Brasil, em quatro versões diferentes: Kindle, Kindle Paperwhite, Kindle Voyage e Kindle Oasis (nesta ordem, do mais simples ao mais completo). As diferenças entre as versões encontram-se na existência ou não de iluminação embutida, no tipo de conectividade (Wi-Fi e/ou 3G), na duração da bateria (entre semanas e meses), no peso (variando entre 131 e 215 gramas) e nas dimensões. O sistema operacional, no entanto, é o mesmo para todos. Consideraremos aqui, inclusive para efeito das ilustrações, o primeiro deles, por ser o mais popular (em função do preço). Como a maioria de nossas considerações se atêm às funcionalidades do sistema, elas se estendem sem grandes variações aos demais modelos.

Dispositivo digital com tela sensível ao toque, o Kindle possui diversas funcionalidades que o livro impresso não possui. Não obstante, defendemos que a experiência literária no aparelho se aproxima muito mais à que fazemos no papel do que aquela experimentada no computador ou no *tablet*, por exemplo. Quando falamos em leitura em meio digital percebemos o quanto isso está associado àquela leitura realizada na tela de dispositivos como os dois últimos mencionados e, com o intuito de desconstruir essa visão, ainda que assumindo o risco deste artigo ficar desatualizado em poucos anos,

nos propomos a expor as características do Kindle que o colocam a meio caminho entre o digital e o impresso.

A tela é a primeira característica que o aproxima do impresso: de aparência fosca, evita o reflexo de luzes e não possui brilho, prezando, dessa forma, pelo conforto dos olhos, diferentemente das telas da maioria dos dispositivos eletrônicos. Apesar de parecer um detalhe simples, isso rebate uma das maiores críticas feita à leitura em aparelhos digitais. Não possui *display* colorido, mas apresenta uma escala com 16 níveis de cinza. Assim, mesmo fotografias ou capas de livro mostram-se visíveis em grande clareza de detalhes, como se vê na figura abaixo:



**Figura 1:** Adaptação das cores aos níveis de cinza no Kindle  
 Fonte: Captura de tela de dispositivo pessoal

Ainda em relação à tela, outro fator que contribui para uma experiência de leitura próxima à do impresso é a utilização da tecnologia *e-ink*, ou seja, de tinta eletrônica. De acordo com Macêdo (2013, p. 10), essa tinta “permite obter um alto contraste de tela, possibilitando uma representação de texto muito parecida com a representação obtida no papel”.

Criado unicamente com a finalidade da leitura, diferentemente de dispositivos como os *smartphones* ou *tablets*, por exemplo, não oferece outras funcionalidades que possibilitem, em seu uso, grande dispersão de atenção (desconsideramos, claro, fatores externos). Com isso, e com um *design* de página muito simples, como ilustrado pela Fig. 2, a experiência de leitura torna-se menos fragmentada do que aquela realizada em aparelhos multifuncionais. Na tela de leitura permanece visível apenas o texto e, na parte inferior, o progresso da leitura, em substituição ao número de páginas. A esse respeito, falaremos mais adiante.

## O homem que sabia javanês

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil Blas vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos, observou a esmo:

— Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo!

— Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei

Posição 120

**Figura 2:** Design simples da página do Kindle  
Fonte: Captura de tela de dispositivo pessoal

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

=====

Lima Barreto Completo II: Contos Completos. "O homem que sabia javanês" e mais 105 histórias (Edição Definitiva) (Barreto, Lima)

- Seu destaque ou posição 123-125 | Adicionado: sábado, 9 de julho de 2016 22:19:44

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

Posição 205

98%

**Figura 3:** Arquivo com concentração de todos os trechos destacados durante a leitura  
Fonte: Captura de tela de dispositivo pessoal

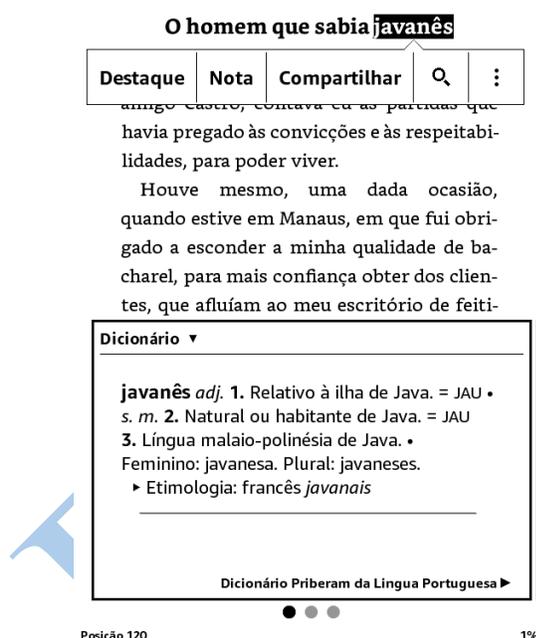
O Kindle busca emular a experiência de leitura do livro, oferecendo, para isso, recursos que em geral são utilizados por leitores fora do meio digital. Na Fig. 2 é mostrada uma dessas ferramentas, a de destaque do texto. O que é interessante sobre esse recurso é que, em um arquivo separado chamado “Meus recortes”, o dispositivo reúne todos os trechos destacados no decorrer de todas suas leituras, conforme ilustrado na Fig. 3. Antes de cada trecho, indica a qual obra ele pertence, o nome do autor, a posição da citação e a data e horário em que você a destacou. Além disso, é possível exportar as citações muito facilmente, pois, ao conectar o aparelho no computador, o arquivo “Meus recortes” apresenta-se em formato de texto. Trata-se de uma facilitação para uma das estratégias de estudo mais utilizadas por leitores proficientes: fazer anotações.

Em sua dissertação de mestrado, sobre a influência das materialidades dos suportes na experiência de leitura, Robson Macêdo defende que

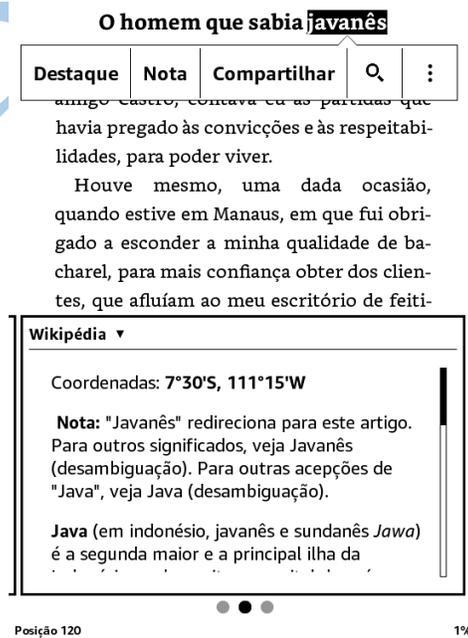
os conteúdos para *e-books readers* precisam ir além dos recursos da leitura tradicional. Se isso não for percebido perderemos um mercado tão promissor por uma simples falta de ajuste. Aparelhos como o Kindle poderão ficar estigmatizados como “elefantes brancos”, produtos muito caros que servem para quase nada. (MACÊDO, 2013, p. 60).

Diferentemente do autor, acreditamos que o Kindle não precisa oferecer conteúdos para seus *e-books* que estejam muito além dos recursos da leitura tradicional, pois a maior virtude deste *gadget*, em nosso entender, é justamente disponibilizar, em apenas um lugar, diversos recursos que facilitam a experiência de leitura, ainda que estes sejam simulacros de recursos tradicionais já utilizados fora do meio digital.

Ao passo que simula a experiência da leitura em meio impresso, o dispositivo também disponibiliza ferramentas para fazer destaques e anotações com apenas um toque, conforme dito anteriormente. Mais do que isso, é possível selecionar uma palavra, ou expressão, ao encostar na tela, e i) ter acesso ao seu significado em dicionários, como mostra a Fig. 4; ii) realizar uma consulta automática à Wikipédia, caso esteja conectado à internet, como ilustra a Fig. 5; iii) caso o livro esteja escrito em língua estrangeira, obter o significado em um dicionário bilíngue, que é instalado automaticamente assim que você compra ou faz o download de um *e-book* (e que não depende de acesso à internet), ou mesmo acessar um tradutor online, como mostrado na Fig. 6.

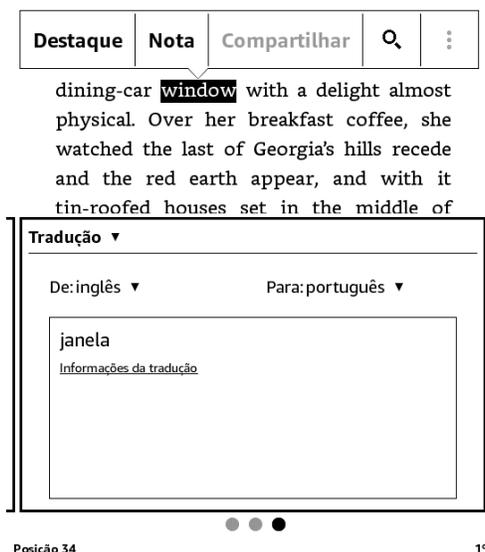


**Figura 4:** Recurso do dicionário  
 Fonte: Captura de tela de dispositivo pessoal



**Figura 5:** Recurso da Wikipédia  
 Fonte: Captura de tela de dispositivo pessoal

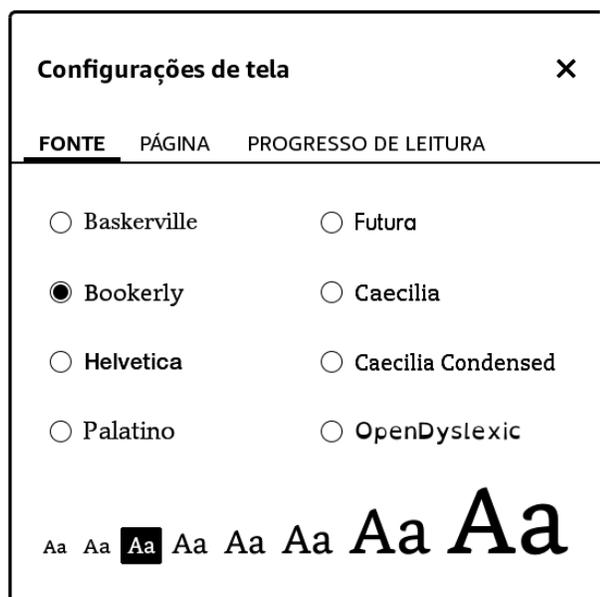
1



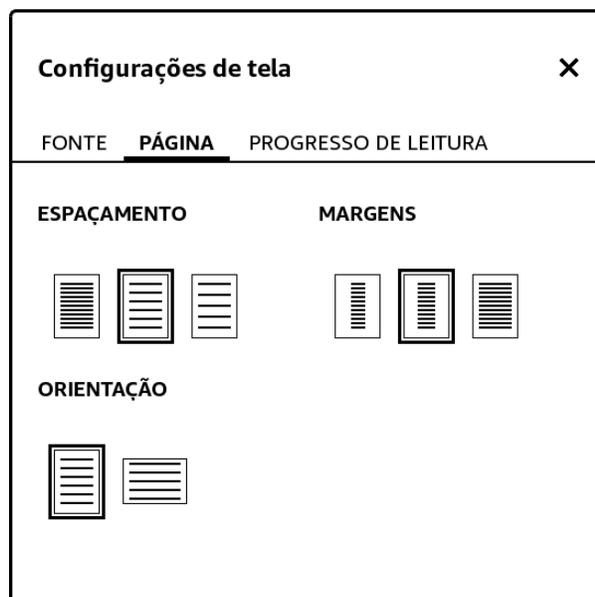
**Figura 6:** Tradutor online  
 Fonte: Captura de tela de dispositivo pessoal

Com todas essas funcionalidades, é visível que o Kindle contribui para um processo de leitura mais prático e menos problemático, ao oferecer ferramentas comumente utilizadas fora do meio digital com o mesmo propósito, e ainda com a vantagem da agilidade/facilidade de acesso.

Apesar de defendermos que a experiência de leitura no aparelho seja mais próxima à do impresso, deixar de analisar seus atributos eletrônicos, irrealizáveis no papel, significaria ignorar a natureza do produto. É importante, nesse sentido, observar as consequências e possíveis (des)vantagens de tais particularidades. Há três funções no Kindle que são irreproduzíveis em um livro convencional. Pelo menos duas delas oferecem certas liberdades de escolha que contribuem bastante para o conforto do leitor. A primeira, como mostrado na Fig. 7, refere-se à tipologia e tamanho da fonte do *e-book*.



**Figura 7:** Configurações de tela: opções de fonte  
Fonte: Captura de tela de dispositivo pessoal



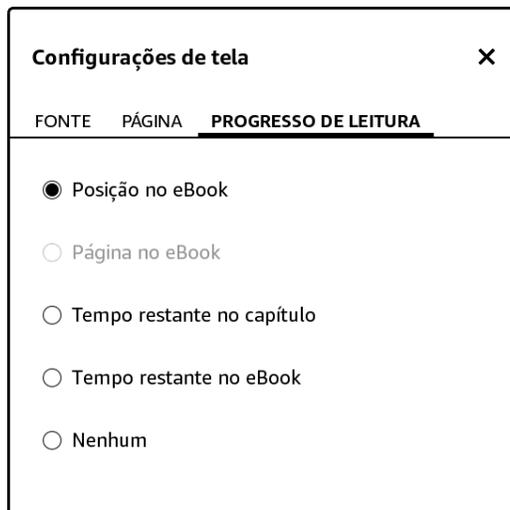
**Figura 8:** Configurações de tela: formatação da página  
Fonte: Captura de tela de dispositivo pessoal

Como se pode ver, o leitor possui a liberdade de escolher em qual fonte prefere ler e ajustar o tamanho de acordo com seu gosto e necessidade. Essa liberdade, claro, é limitada, visto que a escolha se dá entre opções pré-determinadas. Ainda assim, são oito fontes e oito tamanhos diferentes a serem selecionados. Mais do que isso, oferece entre as opções a fonte *OpenDyslexic*<sup>3</sup> que, como o nome sugere, destina-se especialmente a pessoas diagnosticadas com transtorno disléxico. Além disso, é possível alterar algumas características da mancha gráfica, como ilustra a Fig. 8. Há, por exemplo, a alternativa de escolha entre três opções de espaçamentos diferentes entre linhas (quantidade de espaço que deve aparecer acima e abaixo de cada linha), três opções de recuo de margens (quantidade de espaço que deve aparecer nas laterais esquerda e direita de cada página), bem como a seleção da orientação da leitura, com o Kindle na vertical ou horizontal. Dessa forma, o leitor pode adaptar o produto, até certo ponto, de acordo com suas preferências ou necessidades, como dito anteriormente. Tais escolhas podem ser (re)configuradas a qualquer momento, em um menu de fácil acesso (basta tocar na tela para o menu aparecer e depois selecionar o ícone “Aa”).

A terceira função passível de escolha a respeito das configurações de tela refere-se ao registro do progresso de leitura, apresentado na Fig. 9.

<sup>3</sup> Desenvolvida por Abelardo Gonzalez, a *OpenDyslexic* foi pensada para ajudar pessoas com sintomas de dislexia. Entre suas características que contribuem para facilitar a leitura estão: i) maior espaçamento entre as letras; ii) parte inferior de cada letra mais acentuada, para indicar sua direção e reforçar a linha do texto; iii) formas únicas que evitam a confusão entre letras diferentes. Encontra-se disponível para *download* gratuito no site <<http://dyslexicfonts.com>>.

CANTARIN, Márcio Matiassi; VENCI, Amanda Arruda. Entre o digital e o impresso: a experiência de leitura no kindle. In: Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 05. Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves. Maio/Junho de 2018. ISSN 23581069



**Figura 9:** Configurações de tela: possíveis representações do progresso de leitura  
 Fonte: Captura de tela de dispositivo pessoal

Como dissemos no início deste texto, na parte inferior da página aparece o recurso “progresso da leitura”. Sua função é dar ao leitor uma ideia de onde se encontra no texto. Com tantas alterações possíveis quanto ao tamanho da fonte, espaçamentos, etc., torna-se inviável exibir o número de páginas de determinado livro, e esta foi a solução encontrada para isso. Assim, em teoria, o leitor pode escolher cinco formas diferentes de “se localizar” em uma obra – no entanto, a opção “página no *e-book*” costuma aparecer indisponível, como mostra a figura anterior. As outras são a “posição no *e-book*”, o “tempo restante no capítulo”, o “tempo restante no livro” – o tempo é medido pelo dispositivo, que considera quanto tempo o usuário leva para “virar a página” – ou, ainda, “nenhum”.

Essa talvez seja a maior mudança que se observa na experiência de leitura através do Kindle em relação ao livro impresso: a noção da progressão da leitura torna-se subjetiva. Nesse ponto, temos de concordar em parte com Macêdo (2013) quando afirma que na tela temos a percepção fragmentada do texto. Apesar de emular o papel, o Kindle é um dispositivo digital, condicionado, portanto, a determinadas especificidades desse meio. A interface poderia, por exemplo, como é comum em arquivos em formato *pdf*, manter a paginação original, mas para tanto teria que abdicar dos recursos que permitem a formação da página para a leitura, abrindo mão do controle dado ao usuário nas configurações de tela e do conforto proporcionado por elas, o que, entendemos, seria um prejuízo. Não obstante, ainda que sem uma paginação convencional, julgamos que as ferramentas disponibilizadas permitem uma maior noção

espacial do tamanho e, por conseguinte, menor fragmentação do objeto livro no Kindle em relação a outros meios, como ocorre com a leitura em um blog, por exemplo.

A noção de inteireza espacial do objeto é outro aspecto que poderia ser questionado, e aqui não nos referimos necessariamente apenas ao *e-reader* da Amazon, mas a virtualidade do livro para o qual os *gadgets* servem de suporte. O livro de papel é um objeto que ainda goza de grande prestígio em nossa sociedade. Ele possui uma aura de valor que o confere poder simbólico, e isso pode ser importante para algumas pessoas. A ausência de materialidade no livro virtual pode afetar afetivamente a experiência de alguns leitores, mas essas especulações já dariam margem a outro artigo; apenas fiquem registradas.

No início deste texto foi mencionado que uma das grandes novidades para a literatura, viabilizada pela evolução dos dispositivos eletrônicos na contemporaneidade, é a possibilidade de criação de textos híbridos. No espaço digital, a composição de obras que misturam texto, som, imagem e vídeo é bastante facilitada. Ademais, a transposição de tais obras para o papel é impraticável em face da miscelânea de recursos utilizados e, muitas vezes, do movimento e interatividade que a tela oferece. O Kindle, como o papel, não acolhe esse tipo de obra, pois, apesar de eletrônico, foi concebido centrado no meio impresso, o qual pretende emular. Quase poderíamos pensar que se trata de uma evolução do papel feito à base de celulose, como um dia o papel-celulose representou uma evolução em relação ao pergaminho, ou este ao papiro. Dessa forma, o Kindle não proporciona o acesso à literatura digital *stricto sensu* como a concebe Hayles (2009)<sup>4</sup>, mas tão somente *em* meio digital. O dispositivo encontra-se num entre-lugar, a meio caminho entre o impresso e o digital.

Todo o funcionamento e conteúdo do Kindle têm origem no digital, mas Hayles (2009) nos lembra que hoje, também o impresso, majoritariamente, possui sua gênese ligada ao universo dessas máquinas:

quase todos os livros impressos são arquivos digitais antes de se tornarem livros. Essa é a forma em que as obras são escritas, editadas, compostas e enviadas às máquinas computadorizadas que as produzirão como livros. Elas devem, então, ser propriamente consideradas textos eletrônicos para os quais a forma impressa é o produto final. Embora a tradição impressa logicamente influencie a forma como esses textos são concebidos e escritos, a digitalidade também deixa sua marca. (HAYLES, 2009, p. 61).

---

<sup>4</sup> Para a estudiosa norte-americana, “A literatura eletrônica, geralmente considerada excludente da literatura impressa que tenha sido digitalizada, é, por contraste ‘nascida no meio digital’, um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e (geralmente) lido em uma tela de computador” (2009, p. 20). CANTARIN, Márcio Matiassi; VENCI, Amanda Arruda. Entre o digital e o impresso: a experiência de leitura no kindle. In: Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 05. Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves. Maio/Junho de 2018. ISSN 23581069

O que ocorre hoje, portanto, é “uma convergência entre a cultura do suporte impresso e a dos meios digitais” (KIRCHOF, 2016, p. 205), e o Kindle é um dispositivo que promove o encontro entre esses dois universos.

### **Convergência: cultura do suporte impresso e dos meios digitais**

No Kindle, os *e-books* podem ser adicionados de quatro formas: i) realizando a compra pelo site da loja; neste caso o livro aparecerá no dispositivo assim que ele estiver conectado à internet; ii) comprando na loja da Amazon, diretamente do aparelho; iii) fazendo *download* de um arquivo em formato *mobi* e transferindo para o dispositivo através de cabo USB; iv) enviando um arquivo por e-mail. Essa última é uma opção interessante: ao comprar um Kindle, o usuário cria uma conta no domínio @kindle.com. Por meio dela, pode enviar textos ao seu dispositivo de forma bastante prática, inclusive em formatos como *doc*, *pdf*, etc. Para tanto, basta anexar o arquivo e, caso este se encontre em outro formato, escrever a palavra *convert* no campo “assunto”.

Com as duas últimas opções, torna-se possível adicionar e ler no aparelho livros que não foram comprados diretamente na Amazon. De textos próprios até obras disponíveis *online* gratuitamente, o usuário tem acesso a uma gama de livros muito maior que a vendida pela loja. Para os que leem em inglês, por exemplo, o *Project Gutenberg*<sup>5</sup> disponibiliza mais de 50 mil *e-books* gratuitos. Na *Open Library*<sup>6</sup>, são mais de um milhão de livros que podem ser emprestados. No Brasil, o portal Domínio Público<sup>7</sup> libera mais de 123 mil obras que, como o nome sugere, já estão em domínio público ou têm a sua divulgação autorizada. Além disso, a própria Amazon oferece o *Kindle Unlimited*, uma biblioteca virtual com milhares de *e-books* disponíveis para empréstimo por R\$ 19,90 mensais. Dessa vez, o digital emula a experiência do empréstimo de livros.

No entanto, nem tudo são flores no caminho da popularização do livro digital. Corrêa destaca que

A digitalização de material, sempre salutar e idealmente socializante, como ocorre com o Google Books, a Europeana ou a Gallica, sem falar em outros espaços como a Open Library e o Internet Archive, acaba por esbarrar em outro problema, o desequilíbrio entre culturas, línguas e nações. Exemplo disso é o conjunto quantitativo de informações disponíveis na Wikipédia. Se há em inglês, praticamente, o mesmo número de artigos que o conjunto da soma daqueles em espanhol, francês e alemão, seria justo supor que o conhecimento disponível é igual em cada uma dessas línguas? A questão tem a ver, obviamente, com o número de usuários da língua inglesa como língua franca; outros

<sup>5</sup> Disponível em <<http://www.gutenberg.org/>>.

<sup>6</sup> Disponível em <<https://openlibrary.org/>>.

<sup>7</sup> Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/>>.

CANTARIN, Márcio Matiassi; VENCI, Amanda Arruda. Entre o digital e o impresso: a experiência de leitura no kindle. In: Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 05. Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves. Maio/Junho de 2018. ISSN 23581069

fatores talvez possam explicar essa diferença gritante. Mas, no contraponto, o conjunto de informações disponíveis em mandarim é similar àquele em português. Não há dúvida sobre as dificuldades inerentes ao acesso à informação. (CORRÊA, 2016, p. 126).

Assim, o acesso a diversas informações permanece, em sua maioria, restrito aos países de primeiro mundo e aos falantes de língua inglesa. Isso não se mostra diferente se considerarmos o universo do livro impresso – aliás, neste caso, ainda há o agravante da maior dificuldade de produção e distribuição das obras. Nesse sentido, a literatura em meio digital pode dar um passo adiante para a construção de um conhecimento até então limitado: obras que não interessariam às editoras convencionais podem ser mais facilmente disponibilizadas na internet, que veio facilitar inclusive alguns aspectos do trabalho de tradução. Sabemos que hoje qualquer pessoa pode fazer uma tradução (com variados níveis de qualidade e confiabilidade, obviamente) e disponibilizá-la na internet. A esse respeito gostaríamos apenas de levantar algumas questões, cuja discussão também será deixada para um outro momento, por fugir ao escopo deste artigo: quais as implicações dessas facilidades na produção, tradução e distribuição para a democratização da leitura literária e o acesso ao conhecimento? Ou ainda, de que maneira essa nova estrutura do mercado afeta a própria conformação do cânone literário, na medida que as publicações não estão mais subordinadas ao crivo de poucos editores?

É exatamente aqui que nos parece estar concentrado o maior e mais revolucionário potencial da plataforma da Amazon: a possibilidade dos leitores tornarem-se autores, por meio do *Kindle Direct Publishing*. Ao utilizar desse serviço, o usuário pode publicar um livro de forma independente, em formato digital, e este ficará disponível nas lojas Kindle de todo o mundo em menos de dois dias, com preço estipulado pelo autor e um retorno da ordem de 70% do valor em cima das vendas. Esse espaço digital contribui “para uma nova concepção de literatura, pois se torna possível pensá-la não apenas fora do papel, mas também, principalmente, fora do cânone, fora da voz institucionalizada” (NEVES, 2014, p. 82). Uma pesquisa mais detalhada sobre esse aspecto merece ser feita.

Tanto quanto o livro, o dispositivo de leitura digital é destinado a um público de classe média e alta, uma vez que o modelo mais barato custa R\$ 299,00. A longo prazo, para os leitores ávidos, a diminuição na compra de livros impressos compensa o valor investido no aparelho, mas temos que considerar que seu custo ainda é relativamente alto para a maioria da população. Portanto, mesmo com todas as facilidades que proporciona, é difícil defender que *e-reader* da Amazon (ou qualquer outro) seja um agente de democratização da leitura. Apesar disso, com o preço dos *e-books* muito mais baixos e a oferta de material grátis, o leitor que pode ter acesso torna-se mais propenso a experimentar autores e gêneros desconhecidos.

Corrêa concorda que vivemos hoje uma convergência entre a cultura do suporte impresso e a dos meios digitais, esclarecendo que

As experiências dos *e-books*, especialmente o caso de Stephen King que disponibilizou apenas um capítulo de seu livro gratuitamente, buscam encontrar um meio termo entre a tradição do meio impresso e o meio eletrônico – mercado e criador lutam em quase igualdade de condições. (CORRÊA, 2004, p. 13).

Desenvolvedora e fornecedora do Kindle, a Amazon adotou essa característica do impresso na venda de seu conteúdo digital. Simulando, tanto quanto possível, a experiência da livraria física, oferece o *download* gratuito de uma amostra do livro, que geralmente consiste no primeiro capítulo da obra. Assim, após “folheá-la”, o usuário pode decidir se vale a pena comprá-la ou não.

Diversas são as possibilidades que o Kindle proporciona, mas ele é um suporte digital para uma literatura que possui características majoritariamente impressas – e isso, claro, se reflete na experiência de leitura do usuário. Ao discutir ciberliteratura, a professora Lúcia Santaella afirma que

Há muitas formas textuais e mesmo gêneros de literatura digital que resultam:  
 (a) da transposição de formas e gêneros pertencentes à tradição literária;  
 (b) de uma estética que vai para a internet a partir do impresso, encontra no novo meio um espaço privilegiado de circulação e, aos poucos, é transformada por esse meio;  
 (c) de uma produção especificamente digital, quer dizer, que só o digital poderia tornar possível. (SANTAELLA, 2012, p. 234).

O Kindle não acolhe a terceira característica exposta pela autora, pois, como temos defendido, centra-se em uma experiência de leitura tradicional, baseada no impresso. As formas do texto e as obras disponíveis são as mesmas existentes no impresso, apenas adaptadas em *software* digital.

Em relação aos elementos comuns e divergentes entre o digital e o impresso, Santa defende que

A literatura em meio digital pode até divergir da impressa em se tratando de possibilidades disponíveis no trato com o texto (falamos aqui das ferramentas que possibilitam manipular o texto ou lê-lo), ainda assim, os elementos comuns que constroem uma ficção permanecem os mesmos. (SANTA, 2011, p. 4).

No caso do Kindle, o dispositivo diverge do suporte impresso devido às funcionalidades que oferece no trato com o texto, mesmo que esses elementos possuam seus correspondentes no impresso, como os ilustrados no decorrer do artigo. Ainda assim, os elementos da ficção permanecem os mesmos e o formato do texto não muda, tanto que poderia ser impresso tranquilamente, se o leitor assim desejasse, e a obra não sofreria perdas, seja no conteúdo ou na forma. A esse respeito, cabe lembrar a fala de Hayles (2009), que explica que a maioria dos impressos hoje são escritos, editados, diagramados, etc. em

meio digital. Portanto, os dois suportes não apenas convivem no mesmo espaço, mas utilizam-se de ferramentas e lógicas parecidas para sua realização.

## Considerações Finais

Apesar de sua execução em meio digital, a experiência literária no Kindle está centrada no meio impresso: na sua emulação do livro impresso, já notada no tamanho e peso do dispositivo, na apresentação de uma tela fosca, sem brilho e sem reflexos, e na utilização da tecnologia *e-ink*, que possibilita uma apresentação do texto muito semelhante à obtida na superfície do papel. Além disso, seu *design* é muito simples e não suporta som, vídeos ou mesmo links externos, impossibilitando a reprodução de literatura propriamente digital e evitando com isso fatores que dispersem a atenção do usuário.

As funcionalidades oferecidas pelo dispositivo, como acesso a dicionários, Wikipédia, tradutores, destaque de texto e notas, ampliam as estratégias de apreensão do texto acionadas no ato da leitura, pois, segundo Macêdo (2013, p. 53), podem “mudar o posicionamento do leitor em relação ao conteúdo”. Se o permite, porém, é devido à praticidade de reunir todas as ferramentas em um único lugar, uma vez que todas elas possuem correspondentes fora do meio digital, utilizadas com mesmo propósito.

A experiência de leitura no Kindle e no livro impresso são muito próximas, e as diferenças entre os dois suportes são percebidas principalmente em outros aspectos. A principal delas encontra-se no fator conforto. A liberdade de escolher a fonte, e seu tamanho, além do espaçamento entre linhas e das margens, favorece a experiência de leitura do usuário, inclusive aqueles que possuem algum problema de visão ou, até mesmo, dislexia. Do ponto de vista cognitivo, uma pesquisa com a utilização de equipamentos de *scan* cerebral talvez pudesse responder se existem diferenças substanciais ao nível da apreensão dos conteúdos em um e outro suporte<sup>8</sup>.

Outra diferença importante encontra-se na possibilidade de acesso a uma variedade muito maior de obras. Isso se refere tanto ao conteúdo quanto à quantidade, uma vez que, com muito material disponível de graça na internet e muito espaço no dispositivo, o leitor tem a oportunidade de obter obras que, por questões financeiras, por exemplo, talvez não adquirisse na forma impressa. A despeito da ideia

---

<sup>8</sup> Uma pesquisa realizada em 2014 na Universidade de Stavanger, na Noruega, utilizando-se, no entanto, de outra metodologia, apontou vantagem para os leitores do suporte de papel no momento em que precisaram reconstituir o enredo de um conto na ordem cronológica. Muitos fatores, no entanto, ainda precisam ser balizados, por exemplo, a diferença entre a recepção de um leitor “imigrante” e um “nativo digital”. A esse respeito, veja: <<https://www.theguardian.com/books/2014/aug/19/readers-absorb-less-kindles-paper-study-plot-ereader-digitisation>>.

CANTARIN, Márcio Matiassi; VENCI, Amanda Arruda. Entre o digital e o impresso: a experiência de leitura no kindle. In: Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 05. Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves. Maio/Junho de 2018. ISSN 23581069

de democratização de acesso ao conhecimento e bens culturais que parece ser inerente ao universo do digital, temos que considerar que ainda existe um déficit considerável no que tange ao acesso de determinadas classes sociais aos *e-readers*, seja pelo valor comercial dos dispositivos ou mesmo em função da língua predominante na absoluta maioria das obras.

As características do Kindle revelam que as mudanças por ele proporcionadas alteram práticas como a de distribuição e obtenção do livro, por exemplo, e com isso as lojas de *e-books*, como a Amazon, adaptam-se a esse filão de mercado, oferecendo recursos como o da amostra grátis. O que se percebe, contudo, é que o aspecto digital do Kindle oferece conforto e praticidade, mas não parece alterar de maneira significativa a experiência de leitura do usuário. E talvez essa nunca tenha sido a intenção da desenvolvedora, uma vez que tudo na cadeia produtiva que envolve o *e-reader* da Amazon está bastante atrelado ao atendimento das exigências de um leitor ainda conservador e que tem preferência por um formato mais consagrado. Prova disso é que a Amazon, há apenas pouco mais de dois anos, começou também a vender livros impressos em sua loja brasileira.

Pelo visto, a despeito da sensação que possamos ter de estarmos a cada dia mais imersos em um mundo pautado pelo digital e pelo hibridismo inerente a tal universo, o poder simbólico do livro impresso está longe de deixar de ter influência sobre nosso imaginário afetivo.

## Referências

CORRÊA, Almir Aquino. “Literatura: contexto digital, hipercolonialismo e materialidades”. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 47, p. 119-140, jan./jun. 2016.

\_\_\_\_\_. “Técnica e valor do texto literário na era digital”. *Texto Digital*, v. 1, nº 1. Florianópolis, 2004.

HAYLES, N. Katherine. “Intermediação: da página à tela”. In: *Literatura Eletrônica – Novos horizontes para o literário*. Trad. Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global Editora, 2009.

KIRCHOF, Edgar Roberto. “Como ler os textos literários na era da cultura digital?” *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 47, p. 203-228, jan./jun. 2016.

MACÊDO, Robson A. S. *Da tinta ao pixel: a influência das materialidades dos suportes na experiência de leitura*. Dissertação. (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

NEVES, André de Jesus. “A voz e a dispersão do autor no ciberespaço”. In: *Cibercultura e literatura – identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã (fanfiction)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

CANTARIN, Márcio Matiassi; VENCI, Amanda Arruda. Entre o digital e o impresso: a experiência de leitura no kindle. In: Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 05. Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves. Maio/Junho de 2018. ISSN 23581069

SANTA, Everton Vinícius de. “A literatura em meio digital e a crítica literária”. *Hipertextus* – revista digital, nº 7. Recife: UFPE, 2011.

SANTAELLA, Lucia. “Para compreender a ciberliteratura”. *Texto Digital*, v. 8, nº 2. Florianópolis, 2012.

Falas Breves

CANTARIN, Márcio Matiassi; VENCI, Amanda Arruda. Entre o digital e o impresso: a experiência de leitura no kindle. In: Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 05. Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves. Maio/Junho de 2018. ISSN 23581069